

[REVELAÇÃO

Passagem de Günter Grass pelas SS agita Alemanha

Após mais de seis décadas de silêncio, o escritor alemão (Prémio Nobel da Literatura de 1999) assumiu publicamente, em entrevista ao jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, publicada ontem, um segredo que lhe pesou a vida inteira como uma “ignomínia”. Alinhado desde sempre à esquerda, Grass incluiu o episódio na sua autobiografia, prestes a ser dada à estampa

① José Mário Silva

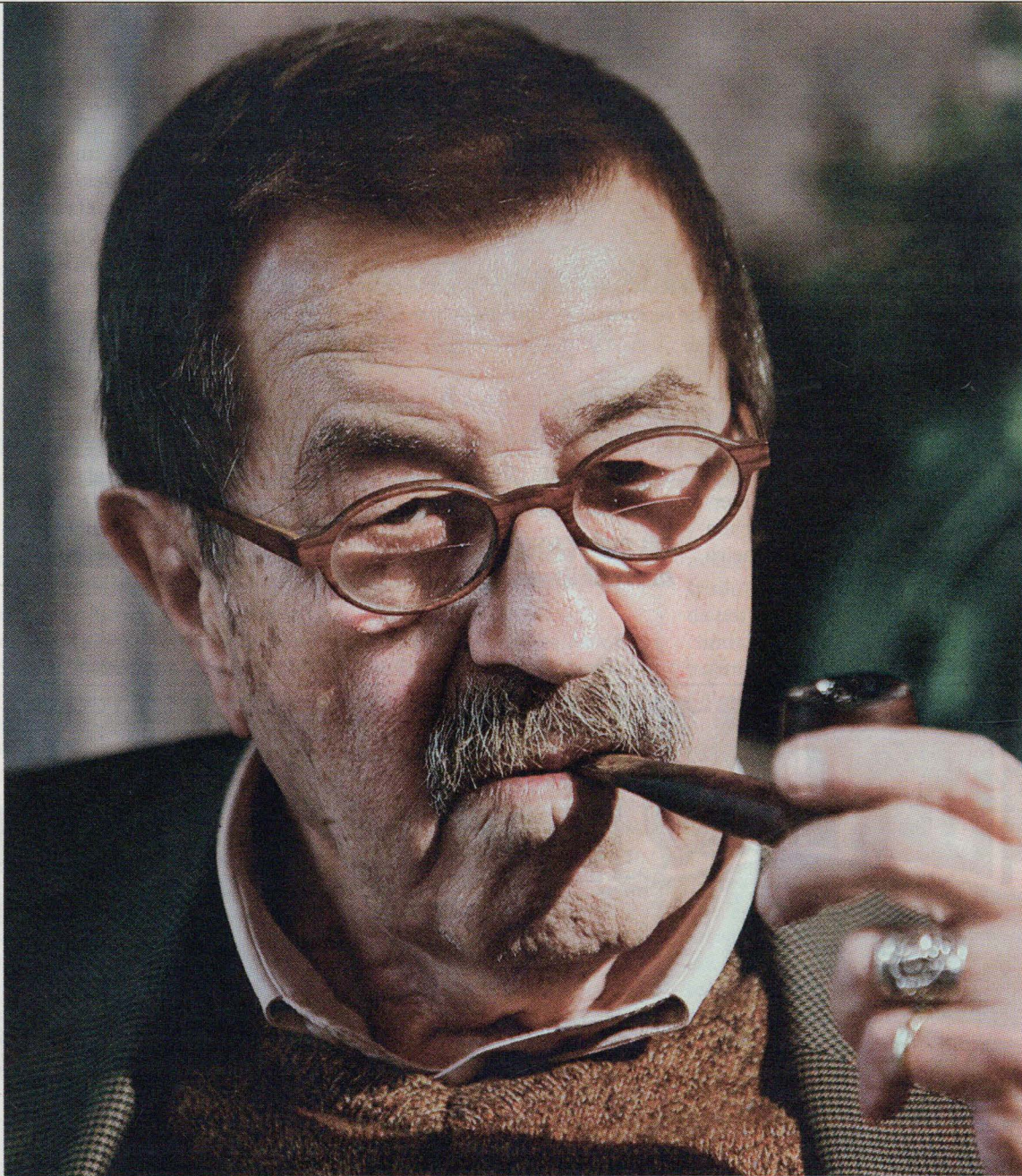
A notícia sacudiu os media alemães como a explosão de uma bomba antiga. Afinal, o escritor Günter Grass, referência da geração que cresceu sob o nazismo e um dos principais críticos do estado catatónico em que os alemães ficaram durante, e sobretudo após, a barbárie perpetrada em nome de Hitler, terá pertencido, durante a sua adolescência, às temíveis Waffen-SS – o braço de combate da organização paramilitar que começou por ser a guarda pretoriana dos líderes nazis e acabou a coordenar o Holocausto nos campos de concentração.

O segredo de Grass foi conhecido em pormenor ontem, em entrevista aos jornalistas Frank Schirrmacher e Hubert Spiegel, do jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, embora o “furo” tivesse sido divulgado na véspera. A história, oculta durante mais de seis décadas, é um dos episódios pessoais que Grass narra em *Beim Häuten der Zwiebel (Descascando a Cebola)*, autobiografia que será lançada no mercado alemão nos primeiros dias de Setembro.

Motivado por uma “certa vontade de superação”, Grass decidiu recuperar nas suas memórias, escritas aos 78 anos, a “nódoa” que haveria de se transformar, com os anos, num “sentimento de culpa que teve para mim o peso de uma ignomínia”. Segundo o escritor, não são muito claros os caminhos que o levaram até às Waffen-SS. Aos 15 anos, para fugir à claustrofobia familiar, ofereceu-se como voluntário das forças armadas (Wehrmacht), com a ideia de servir numa unidade de submarinos, mas não foi aceite. Dois anos depois, em 1944, já numa fase de desespero militar, em que todos os contributos eram bem-vindos, achou-se integrado na 10.ª Divisão Blindada, *Frundsberg* (das Waffen-SS), em Dresden.

Grass diz-se incapaz de recordar até que ponto estava consciente do que lhe ia acontecendo naquela época. “Não tenho a certeza de como as coisas se passaram realmente. Terei sabido [que ia para as SS] pela ordem do alistamento, pelo cabeçalho da carta ou pela patente de quem a assinava? Será que só me dei conta ao chegar a Dresden? Já não sei.”

Da unidade de elite, o escritor tem presente sobretudo o brutal esquema de treino, a que tentou escapar contraindo icterícia, solução que só lhe valeu “durante um par de sema-



Surpresa Günter Grass (aqui em Outubro de 2005) não esperava que a sua entrevista provocasse um impacto tão grande

“Tenho uma objecção de princípio contra as autobiografias. Muitas delas pretendem convencer o leitor de que algo foi assim e não de outra maneira. Eu queria dar-lhe uma forma mais aberta”

“[O alistamento nas Waffen-SS] era algo que me oprimia. O meu silêncio durante todos estes anos foi uma das razões que me levaram a escrever este livro. Era algo de que tinha finalmente que me libertar...”

GÜNTER GRASS

nas”. Grass sublinha que nunca entrou em combate nem disparou um tiro e que a instrução recebida, apesar da dureza, era insuficiente e feita com material obsoleto. Ainda assim, sentiu-se obrigado a contar a experiência. Uma “obrigação auto-imposta”, para se libertar do referido sentimento de culpa.

O certo é que o autor de *A Ratazana* já assumira, em várias circunstâncias, o facto de ter pertencido à Juventude Hitleriana e ao exército alemão, como auxiliar de artilharia. No fim da guerra, foi ferido e capturado pelas tropas americanas. O horror que pôde ver de perto no campo de batalha levou-o a publicar, em

1959, *O Tambor* – poderosa metáfora contra o nazismo, adaptada ao cinema por Volker Schlöndorff, quase vinte anos mais tarde.

Muito activo politicamente, Günter Grass foi amigo de Willy Brandt e ajudou-o em vários actos eleitorais (há quem diga serem seus alguns dos discursos do antigo chanceler so-

Um autor comprometido

Natural da cidade de Danzig (actual Gdansk, na Polónia), onde nasceu em Outubro de 1927, Günter Grass sempre se assumiu como um intelectual de esquerda, não escondendo porém que no final da II Guerra Mundial, à semelhança de tantos outros adolescentes alemães, passou pela Juventude Hitleriana e foi engolido pelo estertor militar do regime nazi, numa altura em que toda a gente passou a ser mobilizável, mesmo os menores de idade. Na década de 50, já em Paris, escreveu o romance alegórico *O Tambor*, uma espécie de manifesto antinazi que de certa forma delimita o universo ficcional – umas vezes irónico, outras vezes grotesco – que haveria de aprimorar ao longo de cinco décadas e que lhe valeu, em 1999, a atribuição do Prémio Nobel da Literatura. Entre as suas obras mais importantes contam-se *Ein Weites Feld (Uma Longa História, Presença)* e *Mein Jahrhundert (O Meu Século, Editorial Notícias)*. O primeiro é um romance gigantesco – mais de seiscentas páginas – que narra o colapso do comunismo na antiga RDA e a queda do Muro de Berlim, bem como as dúvidas de Grass quanto aos rumos da reunificação alemã. O segundo é uma revisitação pessoalíssima do século XX, em que cada capítulo corresponde a um ano. Aparentado como “consciência moral” da geração que cresceu sob o nazismo, continua a exercer a sua indignação política – por exemplo, contra a guerra no Iraque e a lógica globalizadora do capitalismo.

cial-democrata). O seu posicionamento ideológico, porém, está sobretudo plasmado na obra literária, em que reflecte repetidamente sobre o trauma alemão e as contradições de um povo que pretendeu esquecer de pressa de mais o horror gerado pelos 12 anos de loucura do III Reich.

Ao jornal espanhol *El País*, Grass disse estar surpreendido com as reacções que a entrevista provocou: “Eu tinha 15 anos e a história não merece mais do que uma breve referência no meu livro. Esperem e leiam-no.” Só que, aparentemente, há quem não queira esperar. Para diversos escritores e historiadores alemães, a confissão do Prémio Nobel é “tardia”. E mesmo o seu biógrafo, Michael Jürgs, sugere que este caso é mais do que o mero desabafo de um escritor a contas com o passado: “É o fim de uma instância moral.”